



DOZE RIBEIRAS

Descubra os seus encantos



***Património Histórico, Cultural,
Natural e Edificado***
Sugestões de visita

PATRIMÓNIO NATURAL DAS DOZE RIBEIRAS

Entre a rocha escarpada, as ribeiras e os Picos, o Património natural da freguesia apresenta um coberto vegetal constituído em grande maioria por culturas arvenses e agrícolas, é a partir da cota aproximada do meio milhar de metros que se pode ir ao encontro das nossas raízes.

Desta altitude e até ao alto da Serra das Doze deslumbramos as nossas endémicas. O Cedro do Mato (*Juniperus brevifolia*), Azevinho (*Ilex azorica*), Uva da Serra (*Vaccinium cylindraceum*), Urze (*Erica azorica*) e Sanguinho (*Frangula azorica*) são as dominantes em partilha de espaço com a rapa (*Calluna vulgaris*). Em tempos de outrora ocupavam grande área da freguesia, fornecendo madeiras de qualidade às populações, sendo o Cedro do Mato o ex-líbris, utilizado em mobílias de eleição.

A separar das freguesias vizinhas, e rasgando o próprio território, as grandes e ingremes ribeiras acolhem outras autóctones e exóticas, que muito serviram em habitações e em construção de alfaia agrícola, a destacar a Roseira (*Robinia pseudoacacia*) muito usada em carros de bois, dentes de grades, cancelas e portões, o Eucalipto (*Eucalyptus globulus*) utilizado em tetos de casas, a Acácia ou Pau-de-Toda-a-Obra (*Acacia melanoxylon*), Faia da Terra (*Myrica faya*) e o Incenso ou Faia do Norte (*Pittosporum undulatum*) utilizada para tratamento de animais.

Hoje em dia a paisagem das Doze Ribeiras, é em muito moldada também pelas cortinas de abrigo de Criptoméria (*Cryptomeria japonica*), que envolvem os Baldios, transformados em grandes pastagens de apoio à agropecuária local.

Freguesia de contrastes verdes e de grandes e acentuados declives, precisa em muito do seu coberto vegetal, não só por razões estéticas mas também ambientais, evitando erosões e criando bem estar nas populações.

A PARÓQUIA DE S. JORGE DAS DOZE RIBEIRAS

A paróquia de S. Jorge das Doze Ribeiras foi criada em finais de 1684, por desanexação da de Santa Barbara, fixando-se os seus limites entre a Ribeira das Dez e a Rocha do Peneireiro, no extremo da Serreta.

Situada a 16 Km. da sede do concelho, deve o seu nome ao facto de aqui correr a 12.ª ribeira, a contar de Angra, e o seu orago, S. Jorge, por aqui ter sido construída no início do século XVI, uma capela, sob a invocação do referido santo, nas terras que pertenceram a Marquesa Gonçalves Machado, filha de Gonçalo Anes da Fonseca e de Mécia de Andrade Machado, vindos para a Terceira, com os primeiros capitães do donatário que lhe doaram grandes extensões de terra em regime de sesmaria.

Criada a paróquia, e com o aumento da população, logo em 1707 houve necessidade de se efetuarem obras na capela, aumentando-lhe a área e melhorando-lhe o espaço. Ao longo do século XVIII, a então já igreja paroquial sofreu obras por diversas vezes no sentido de a adequarem às exigências de uma população em crescimento e do relevo alcançado pela paróquia a partir de 1863. Neste ano tem lugar, pela 1.ª vez, aqui nesta paróquia, a festa de Nossa Senhora dos Milagres, cuja imagem se encontrava na igreja paroquial, e no ano seguinte o voto dos Escravos da mesma Senhora, feito pelos mais iminentes cidadãos de Angra que se comprometeram a custear a festa.

A paróquia conta com cemitério desde 3 de Julho de 1786, apesar da lei que veio proibir os enterramentos nas igrejas só ter sido publicada a 21 de Setembro de 1835. A 9 de Agosto de 1766, aqui nasce o subdiácono José Lourenço da Rocha, figura de destaque na cultura terceirense e cujos restos mortais se encontram, atualmente, sob uma lápide na parede lateral esquerda à entrada da igreja.

Em 28 de Agosto de 1893, foi assolada por um violento ciclone que lhe arruinou a igreja e causou elevados prejuízos em culturas e habitações. Houve necessidade de reconstruir a igreja, cuja bênção ocorreu a 28 de Agosto de 1899. Nesta data aproveitou-se para deslocar o império do Espírito Santo, construído em 1891 do lado esquerdo da Canada da Igreja, para o lado esquerdo da igreja, onde se manteve até 1980.

A partir da 2.ª metade do século XX a paróquia conheceu um grande desenvolvimento a nível cultural e de estruturas: passou a dispor de novo edifício para o funcionamento da escola primária, tipo Plano dos Centenários, inaugurado a 1 de Janeiro de 1960, de rede elétrica, inaugurada a 30 de Maio de 1965 e de um edifício para sede da Junta de Freguesia, inaugurado a 12 de Janeiro de 1969. A partir de 1974 passou a contar com um grupo folclórico, criado sob a coordenação do padre João de Brito Meneses.

Em 1980, foi a ilha Terceira atingida por um violento sismo, sendo a paróquia de Doze Ribeiras uma das que registou elevados prejuízos, ficando com o seu parque habitacional completamente destruído, tal como a sua igreja. Novamente reconstruída, foi inaugurada a 23 de Abril de 1986.

A partir de 1988 a paróquia passou a dispor de uma filarmónica, a Filarmónica Rainha Santa Isabel e de uma imponente sala de espetáculos que lhe serve de sede.



Sede do Grupo Folclórico das Doze Ribeiras, constituída por uma típica casa rural terçeirense e seu envolvimento. A casa é térrea, com janelas de guilhotina e peitoris de madeira; leva barras em volta de portas e janelas e junto ao chão; tem chaminé de mãos postas com calças. No seu interior tem forno, copeira e estrado. O seu teto é de tacinha ou de três águas. Ao lado, uma casa de arrumos construída em pedra seca da região. Nos seus baixos funcionava, outrora, a atafona; daí que hoje chamem a esta dependência apenas "atafona". Tanto essa como a casa são cobertas com telha regional em forma de canudo. À frente da "atafona" e ao lado da casa encontra-se a "rua" — pátio onde se criavam as galinhas e arrumava o gado vacum — com cancelas típicas. À direita vê-se o "poço" — espécie de cisterna com cobertura de pedra queimada, em abóbada, que guardava a água das chuvas e onde se descia por uma escadaria de pedra para ir tirar água com o pote de cedro da ilha e se transportava para o **talhão** colocado a um canto da chaminé. Em plano mais elevado, a **eira** onde se debulhava o trigo e se malhavam e secavam as novidades que faziam a abundância da casa rural. Aqui, em dias de festa, se armava o **Balho** ou se faziam **Rodas**.

Ao lado, a **burra do milho** — espigueiro onde se dependurava o milho em **mantinhos** para secar e donde se brava todas as semanas a **amassadura**. Um pouco mais no alto, o moinho de vento com diversas particularidades exclusivas desta zona da Ilha Terceira. De salientar ainda o jardim, a horta e o cerrado ao lado da casa.

Gravou 3 Lp's, um dos quais em conjunto com os ranchos participantes no Festival Mundial de Gannat em 1981; destes foram gravadas também as respetivas cassetes. Esgotada a primeira edição, reeditou as duas últimas cassetes e lançou, pela primeira vez, um CD com as mesmas modas, em 1998, ano em que se deslocou ao Brasil e iniciou as comemorações das suas Bodas de Prata. Em 2012 gravou novo cd, com 21 modas, lançado a 02 de Março de 2013, no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo. A apresentação esteve a cargo do jornalista Vasco Pernes e os oradores convidados foram a Dra. Marta Dias Barcelos e o Dr. Jorge Forjaz.

Desde Dezembro de 1986 trabalha dedicadamente na reconstrução e manutenção da Casa Etnográfica Pe. João de Brito C. Meneses, onde realiza ações de carácter cultural, social e recreativo, sobretudo para grupos de turistas ou outros que lho solicitem.

Julho de 2014

GRUPO FOLCLÓRICO DAS DOZE RIBEIRAS

Fundado a 23 de Abril de 1974 e reconhecido como Pessoa Coletiva de Utilidade Pública em Janeiro de 1993, é sócio fundador da Federação do Folclore Português.

Durante vários anos foi o único Grupo Folclórico rural desta ilha e foi o primeiro Grupo a usar trajes tipicamente regionais, confeccionados em lã ou linho. Possui um vastíssimo repertório com modas de balho, rancho de cantores de matança e cantares do folclore religioso da Ilha Terceira. Interpreta também 12 modas das mais representativas das outras ilhas do Arquipélago.

Na sua escola de viola regional formou tocadores de viola e acompanhantes de violão, que vêm dando o seu contributo a outros Grupos e cursos de viola.

Em 1975 realizou a sua primeira viagem, com destino a São Miguel, por essa ocasião da inauguração das emissões da RTP – Açores, cabendo a este Grupo a honra de ser o primeiro a apresentar cantares açorianos através deste prestigiado meio de comunicação social. Efetuou depois deslocamentos a todas as ilhas Açorianas, Madeira, Algarve, Estoril, Gulpilhares, Vila Nova de Gaia, Espinho, Lousada, Gondomar, Porto, França, Brasil, EUA e Suíça.

Em 2006 Marta Dias Barcelos, elemento do Grupo, publicou um livro de título Grupo Folclórico das Doze Ribeiras Ilha Terceira-Açores, em que descreve origem, historial, trajes, sede e cancionero.



SOCIEDADE FILARMÓNICA RAINHA SANTA ISABEL DAS DOZE RIBEIRAS

Fundada a 6 de Agosto de 1988, é sócia da Federação de Bandas dos Açores.

A SFRSI tem-se empenhado na melhoria da sua qualidade musical, tendo já recebido um Voto de Louvor da Junta de Freguesia das Doze Ribeiras, em reconhecimento do seu progresso. Entre os seus trabalhos, destaca-se o Concerto nas Portas do Mar, em Ponta Delgada (2011), bem como várias participações em Touradas de Praça (Corrida RTP Açores: Feira de São João; Festival de Forcados; Feiras Taurinas de São Jorge e da Graciosa), além da presença nas Sanjoaninas, Festas da Praia, Organizações das Câmaras Municipais e Festivais de Bandas.

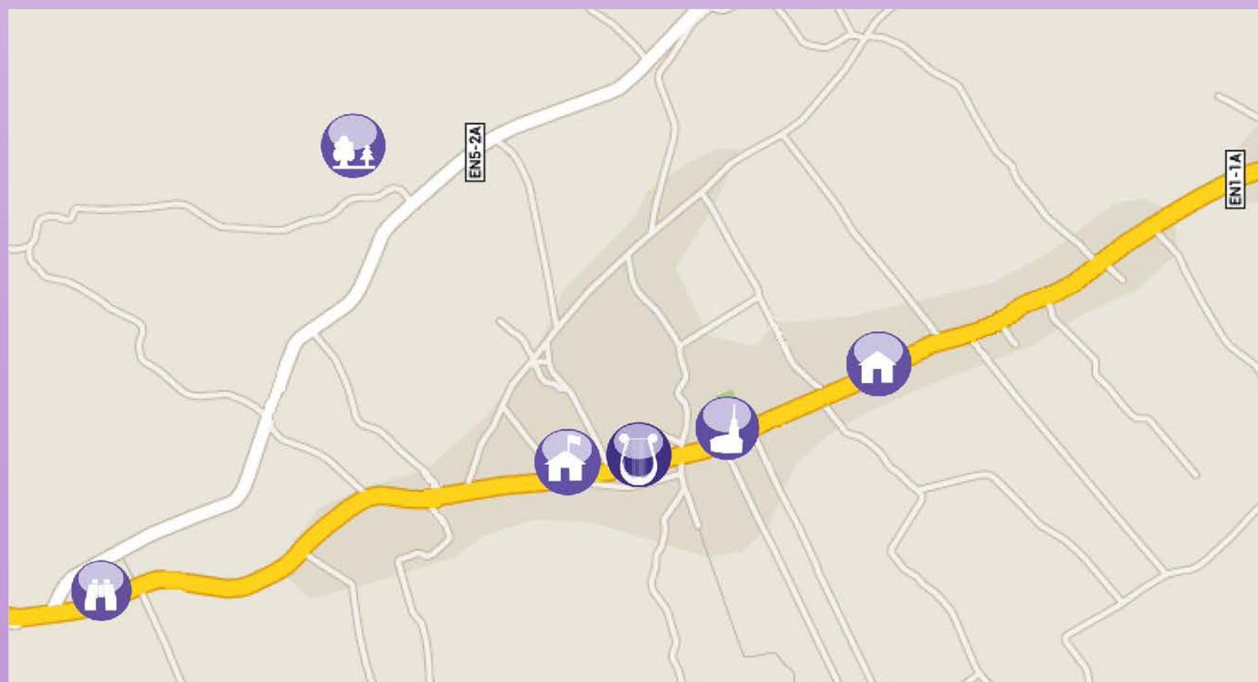
Ao nível da organização de eventos, há que referir os Concertos de Outono e o torneio "Músicos Sem Fronteiras", sobressaindo no entanto, a organização da Comemoração dos 30 anos de Carreira do Maestro Durval Festa (2010), no Teatro Angrense (com a colaboração de várias Entidades) e em 2011, o lançamento do Grupo Fado Madrinho, no salão da sua sede, um grandioso espetáculo marcado pela interação entre fadistas e músicos da banda; a Homenagem ao Grupo de Forcados Amadores da Tertúlia Tauromáquica Terceirense (GFATT) com um Pasodoble original (da autoria do Maestro Durval Festa), integrada no programa das Festas Sanjoaninas 2011; e, ainda, o Espetáculo de Encerramento da temporada 2011, novamente no salão da sua sede.

Em Janeiro de 2011 gravou alguns temas para o célebre programa "Filarmonia" e em 2012 dedicou-se à gravação do seu 1ºcd, apresentado pelo Maestro Marco Torre, Presidente da Federação de Bandas dos Açores, a 16 de Março de 2013, início das Comemorações do 25º Aniversário da Instituição. Seguiu-se a Semana de Festa em Louvor do Divino Espírito Santo, a apresentação do Grupo de Comédia e Variedades da Filarmonia, a viagem à ilha de S. Jorge e, no final do ano, a Festa Encerramento das Comemorações, com um fim de semana de atividades, que culminou com a Cerimónia onde foi prestada Homenagem a todos os Presidentes das 25 Direções, aos Maestros que trabalharam com a Filarmonia e aos Músicos Fundadores que ainda se encontram no ativo. Foi ainda apresentado um novo fardamento.






A dirigir a Filarmonia contam-se, até à data, quatro maestros: Manuel Isaac Fagundes foi o fundador, seguindo-se-lhe Henrique Manuel Ricardo (Sargento Ricardo) e Henrique Serca. Atualmente, dirige a banda o maestro Durval Festa, que tem pugnado pela qualidade e inovação no trabalho desenvolvido.

Assumindo um papel basilar na transmissão do ensino da arte musical, a Filarmonia mantém, anualmente, uma escola de música na sua dependência, fundada também por Manuel Isaac Fagundes e hoje a cargo do Maestro Durval Festa.

Julho 2014



LEGENDA

-  Casa Etnográfica
-  Centro (Igreja e Império)
-  Sociedade Recreativa
-  Junta de Freguesia
-  Zona de Lazer
-  Miradouro